

A felicidade absoluta

Adaptação do conto "A visita", de Mark Twain

Você tem ideia do que seja a felicidade absoluta? Mas absoluta mesmo, sem senões, sem máculas, sem intervalos de infelicidade? Aposto que não, e tenho autoridade para afirmar isso, pois creio ser a única pessoa neste mundo que conseguiu atingir esse patamar.

Sim, eu sou absolutamente feliz e vou contar-lhe como ganhei o direito de me vangloriar dessa conquista. Sou um advogado de sucesso e isso geralmente significa viver entre a satisfação pelas vitórias nos tribunais e o remorso por livrar da cadeia assassinos cruéis que certamente haverão de retomar sua vida de crimes. Mas a segunda parte dessa definição teve um fim na gloriosa tarde que haveria de transformar minha vida. O carteiro havia entregado a correspondência e, ao ler o remetente de uma das cartas, uma imensa onda de alegria me invadiu. Era uma carta de tia Mafalda, a velha que havia me criado depois da morte prematura de meus pais. Religiosa e ordeira ao extremo, foi o pesadelo de minha infância, nunca perdendo uma oportunidade de atormentar-me com seus sermões:

- Comporte-se, menino!
- Já fez as suas orações, menino?
- Tema a Deus, menino!
- Desse jeito, menino, você vai arder no fogo dos infernos!

Ah, o que teria sido de mim se, durante toda a minha infância, não houvesse sempre ao meu lado uma pessoa como tia Mafalda e seus sermões? E depois, então, na juventude?

- Cuidado com as más companhias, meu rapaz!
- Você não vai mais à igreja, meu rapaz?
- Não me vá sair com mulheres, hein?

E meus vícios, como este eterno cigarro? Nunca houve alguém, em todo o mundo, que tão bem soubesse combater toda a espécie de vícios, especialmente os meus vícios:

- Você tem de deixar de fumar, meu rapaz!
- Esse cigarro vai levá-lo para o túmulo, meu rapaz!

Durante muitos anos, tia Mafalda ainda conseguia despertar minha consciência entorpecida, enchendo-me de remorsos, mal se referia ao assunto do cigarro. Mas tudo tem limites neste mundo. Aos poucos, na medida em que meu coração endurecia-se com a prática impiedosa dos

tribunais, as palavras de tia Mafalda foram perdendo o dom de me comover. Naturalmente ela continuava a insistir comigo para que eu me remisse do vício pernicioso do fumo, mas absolutamente sem resultado. Mal tia Mafalda encetava o assunto, eu me envolvia numa indiferença calma, serena, feliz. Ouvir seus conselhos e ameaças, a partir daí, tornou-se até mesmo uma forma de divertimento. Ah, ah! Aprendi a proteger-me de seus sermões tão perfeitamente que confesso: não me entregaria com mais prazer ao meu vício favorito, se o meu doce algoz fosse, ela própria, fumante ou defensora do fumo. A partir daí, pregadores de moralidade como tia Mafalda não são mais do que ridículos personagens que nada têm a ver com a minha vida.

E aquela carta dizia justamente o que eu esperava: tia Mafalda anunciava sua vinda para uma curta estadia em minha casa. Que maravilha! Na hora eu abençoei a oportunidade de novamente ouvi-la pregando o Apocalipse e o fogo dos infernos. Ah! E outra vez eu poderia saborear o prazer de sentir-me absolutamente imune a qualquer de suas palavras!

Enlevado pela notícia, levantei-me, apertei a cartinha contra o peito e declarei, em voz alta:

– Agora sim, sou perfeitamente feliz. Nada me falta. Se o meu pior inimigo me aparecesse neste instante, eu o receberia de braços abertos!

Imediatamente, ouvi um ruído atrás de mim. A porta de entrada abria-se violentamente, como se uma forte e súbita lufada de vento a tivesse escancarado. À soleira, surgia um anão corcunda, disforme, desgrenhado, com roupas boas mas surradas e algo rotas. Usava chapéu e bengala. Cada um de seus traços, cada polegada de sua pessoa era uma coisa desajustada, embora não se pudesse pôr o dedo em cada pormenor e dizer: “Isso é uma deformidade”. Em conjunto, esse pequeno corpo era uma deformidade indefinida, geral, bem combinada, bem organizada. A fisionomia e os olhinhos aguçados traíam uma astúcia de raposa, demonstrando malícia e esperteza. Cobria-o todo uma espécie de mofo penugento e esverdeado como o que dá em pão velho. Era, enfim, bolorento e todo repugnante.

O visitante, depois de um breve instante à soleira da porta, adiantou-se até minha escrivaninha, jogou sobre ela o chapéu e a bengala, pegou um cigarro de minha cigarreira de prata e sentou-se em minha poltrona de trabalho, apoiando os calcanhares de suas curtas pernas sobre o tampo da mesa, sem a menor cerimônia.

Surpreso pela inusitada invasão e frente à petulância e sem-cerimônia do anão, quedei-me por um momento atônito, sem palavras.

– Tempo esquisito, diabólico, para esta estação... – comentou o invasor, como se iniciasse uma conversa corriqueira com um velho amigo.

– Quem é você? – interpelei, indignado. – Como é que vai entrando assim, sem mais nem...

Rudemente, o invasor me interrompeu:

– Acenda meu cigarro.

– Escute, miserável gato de borralho, cuide um pouco mais dos seus modos, ou sai voando pela janela, ouviu?

– Vamos, seja bonzinho... – continuou o anão, de um modo condescendente. – Não tome esses ares com quem é mais do que você.

– Mais do que eu?!

– Duvida? Então ouça: esta manhã você correu uma mendiga de sua porta.

– Talvez sim ou talvez não. Como sabe?

– Sabendo. Não importa saber como sei.

– Seja. Suponhamos que eu tenha corrido a tal mendiga. O que tem você com isso?

– Oh, nada em particular. Apenas, você mentiu à mulher...

Surpreendido pela denúncia do anão, balbuciei:

– Não! Isto é... eu...

– Sim, sim, mas você mentiu.

– Isso é um desaforo gratuito! Eu disse a ela...

– Espere. Não me vá mentir outra vez. Eu sei o que você disse. Você disse que a cozinheira não estava e que não sobrara nada do almoço. Duas mentiras: você sabia perfeitamente que a cozinheira estava a postos, com muitas sobras à disposição. Ah, e tem mais: é feio, é mesquinho, um advogado de destaque como você negar-se a ler a tese daquela pobre estudante que o procurou no outro dia, recusando-se a dar-lhe uma opinião sobre o seu valor acadêmico. A ela, que viera de tão longe, com tanta esperança no coração...

– Não tem serviço melhor do que meter-se na vida alheia? Foi a mocinha que lhe contou?

– Não importa que ela tenha contado ou não. O que interessa é que você fez esse papel. E mais tarde se arrependeu. Ah-rah! – o anão riu-se, diabolicamente. – E percebo que ainda se arrepende...

– Bem... Eu disse à moça, com toda a bondade e cortesia de que era capaz, que não costumo dar parecer sobre nenhum manuscrito, porque uma opinião individual não tem valor. Pode depreciar uma obra-prima e privar dela o mundo, como pode encarecer uma banalidade para prejuízo da ciência jurídica. Eu disse que a banca examinadora é o único tribunal competente para julgar um trabalho acadêmico. Portanto, é preferível submeter de início o trabalho a esse tribunal, já que, no fim, a tese vencerá ou cairá, conforme seu veredicto...

– Sim, você disse tudo isso! Descaradamente confessa, meu embusteiro mesquinho e egoísta! Entretanto, quando a expressão esperançosa desapareceu do rosto da pobre moça, quando você a viu recolher o roto maço de papéis que ela rabiscara com tanta paciência e honestidade... quando a viu esconder a criação de que você a fizera envergonhar-se... quando as lágrimas brotaram tímidas de seus olhos... quando a pobrezinha saiu humilhada, quase se arrastando...

Suas palavras agiam como se ácido fosse derramado em minhas entranhas. E eu gritei:

– Basta, basta, basta! Cale essa boca impiedosa! Tudo isso já me atormentou bastante, sem que viesse você agora lançar-me essas coisas no rosto!

O riso sarcástico do anão ocupou toda a sala:

– Ah, ah! Remorso! Remorso! – olhou-me com pouco caso e sorriu, com a maior tranquilidade. – Posso, por exemplo, recordar-lhe aquela vez em que você calou-se, deixando que um colega seu de faculdade fosse expulso por um ato vil que você tinha cometido! Posso lembrar-lhe a deslealdade de deixar que inocentes fossem condenados, apenas porque não tinham dinheiro para pagar por seus serviços, enquanto você usava de todas as artimanhas para devolver à rua facínoras como o da semana passada, que você sabia já ter assassinado onze mocinhas... Mas ele pagou-lhe muito bem, não foi? Posso recuar ainda mais, trazendo-lhe à memória as suas ações mais abjetas da infância e da juventude, muitas delas assacadas a crianças ou a outros indefesos, outras tantas planejadas, estudadas e covardemente executadas. Posso revisar, parcela por parcela, ato por ato, detalhe por detalhe, maldades, prejuízos que você causou, humilhações que infligiu a amigos hoje defuntos, que morreram levando no coração a amargura dessas injustiças!

Eu apertava os olhos e tentava tapar os ouvidos com as mãos.

– Não, não...

Meu desespero não comovia o anão nem o fazia diminuir o ataque. E ele veio com

o dedo da verdade apontando para meu remorso mais profundo:

– Examine, por exemplo, o caso de seu irmão mais novo, quando eram ambos garotos, muitos anos atrás...

– Não! Isso não! Meu irmãozinho não!

O anão continuava, como se meus apelos fossem inaudíveis:

– Seu irmãozinho sempre confiou carinhosamente em você, com uma fidelidade que as numerosas perfídias vindas de você não conseguiam abalar. Seguia-o como um cão, sujeitando-se a sofrer desaforos e abusos, só para estar em sua companhia, paciente em aturar essas injúrias porque vinham de você. A última recordação que você tem dele vivo e forte deve ser um grande consolo, não é? Você jurava que se ele o deixasse guiá-lo de olhos fechados nada lhe aconteceria... Vibrando com a alegria cruel do raro divertimento, você puxou-o até o lago mal coberto pela fina camada de gelo e atirou-o lá dentro! Homem, você nunca esqueceu o meigo olhar de censura que ele lhe lançou, enquanto lutava, tremendo de frio, por salvar-se... Ah, você o está vendo! Você o está vendo neste instante!

Eu já estava em puro desespero e chorava, como uma criança:

– Malvado! Eu o vi um milhão de vezes! Um milhão de vezes o verei! Tomara que você caia de podridão aos pedaços e sofra até o dia do juízo o que eu sofro agora, como castigo por me lembrar esse horror!

– Espere, não acabei ainda... Há dois meses, numa sexta-feira, você acordou alta noite e lembrou, envergonhado, uma ação particularmente mesquinha, indecente e imoral, quando você se aproveitou da inocência de uma pobre moça, no inverno de mil novecentos e...

– Um momento, demônio! Um momento! Ninguém jamais soube disso, a moça já morreu e somente sobrevive em minha memória nas noites de insônia. Quer dizer que você tem o dom de penetrar até no pensamento das pessoas?

– Parece que sim, não é mesmo? – seu sorriso estampava uma superioridade irritante. – Você viu que cada frase minha é uma acusação e cada acusação, uma verdade. Ah, ah! E cada frase, cada acusação, cada verdade, estão agora corroendo-o como vitríolo porque você sabe que tudo é verdade! Parece que realmente posso penetrar em sua mente. Você não reconhece como verdade tudo o que eu disse?

– Deixe eu respirar neste momento se não reconheço. Escute, intruso, olhe-me bem nos

olhos: quem é você?

O anão ajeitou-se na cadeira e devolveu a pergunta:

- Bem, quem pensa você que eu sou?
- Satanás em pessoa! Penso que você é o demônio!
- Não.
- Não? Então quem é?
- Você gostaria mesmo de saber?
- Naturalmente!
- Pois bem: eu sou a sua Consciência.

– A minha...?! – a voz engasgava-se em minha garganta, pasma como eu. Quando consegui recuperar-me da surpresa, lá voltou ela, desta vez arrebatada. – Amaldiçoada! Cem milhões de vezes desejei que você fosse tangível, para lhe apertar o pescoço nas mãos, assim! Ah, mas agora hei de me vingar!

Como uma fera, atirei-me assassinaamente em cima da Consciência, com uma alegria feroz. Loucura! O relâmpago não se move com mais rapidez do que a Consciência naquele momento. Num pulo, o anão escapou-me das mãos e, sempre gargalhando diabolicamente, correu pela sala, comigo em seu encalço. À minha última arremetida, o anão desviou-se e, esticando a perna, derrubou-me no tapete.

Caído, humilhado, chorei de vergonha, vencido.

Vitorioso, o anão retomou o tormento, com a maior tranquilidade do mundo:

– Meu bom escravo, você está estranhamente idiota. Não, eu deveria dizer: caracteristicamente idiota. Na realidade, você é sempre lógico, sempre igual, sempre o mesmo asno! Do contrário, lhe ocorreria que, se tentasse praticar seu crime com um coração perverso e uma consciência pesada, eu sucumbiria instantaneamente. Tolo! Eu pesaria uma tonelada e não conseguiria alçar-me do chão. Mas você está, pelo contrário, tão aflito por me exterminar, que sua consciência é leve como uma pluma. Eis porque eu estou aqui, assim, fora do seu alcance. Eu poderia ter certa consideração por uma espécie comum de bobo mas, por você, ora!

– Eu daria tudo para ter uma consciência pesada e a dita ao alcance da mão, para tirar-lhe a vida!

A porta da cozinha abriu-se e minha boa cozinheira esticou a cabeça para a sala:

– Senhor! Que houve aqui? A sala parece um...

Pulei a sua frente e empurrei-a para fora, sem a menor delicadeza:

– Suma, depressa, salte, fuja! E feche a porta de uma vez, ou minha Consciência voará!

Depois que a mulher saiu, apavorada, bati a porta, tranquei-a e voltei-me para verificar se o anão ainda estava por ali. Para meu alívio, verifiquei que sim.

– Diabos o levem! Você poderia ter fugido. Os empregados são os seres mais estouvados que... por falar nisso: parece que minha cozinheira não o viu. Por quê?

– Por uma razão excelente. Eu sou invisível a todos, menos a você.

Abria-se uma fresta na escuridão do meu desespero: agora eu sabia que podia liquidar o anão sem que ninguém viesse a perceber. Resolvi mudar de tática:

– Venha cá, Consciência, sejamos amigos. Ao menos um breve armistício. Estou doido por fazer-lhe algumas perguntas...

– Venham elas. Comece.

– Bem, em primeiro lugar, por que você nunca me apareceu antes?

– É que você nunca desejou me ver antes, ou melhor, não o desejou com o verdadeiro espírito e na forma adequada. Desta vez, porém, você reuniu essas duas condições e, quando convocou o seu pior inimigo, eu era a pessoa com mais direito a essa qualificação, embora você nem desconfiasse.

– Então... foram as minhas palavras que lhe deram carne e osso?

– Não, só tiveram o dom de me tornar visível aos seus olhos. Eu sou imaterial, como todos os espíritos.

Minha nova tática estava obtendo algum resultado. Eu precisava de informações e o anão não parecia negar-se a fornecê-las. Continuei com minha fingida solicitude:

– Consciência, não é de bom camarada ficar você a tamanha distância. Venha cá. Venha fumar um cigarrinho...

– Ir aonde você me espera para matar-me? Declino a honra, com muitos agradecimentos.

Mais uma informação, e esta vinha como um arremate aos meus planos. Pelo que parecia, era possível liquidar-se um espírito. E imaginei que, dali a pouco, haveria um espírito a menos neste mundo. Sorri, como se o horrendo anão fosse um milionário que viesse

contratar meus serviços para inocentá-lo pelo assassinato da amante:

– Amigo, amigo...

– Um momento! – interrompeu minha horrenda Consciência. – Eu não sou seu amigo, sou seu inimigo. Não sou seu igual, sou o seu senhor. Faça o favor de dizer: “Meu senhor”. Não gosto dessa sua familiaridade.

– E eu não gosto dessas suas fumaças. Direi simplesmente “senhor”, e isso até que...

– Não discuta. Obedeça. E acabe com essa tagarelice.

Resolvi entregar aquele ponto, para ganhar outros que definiriam a partida:

– Muito bem, “meu senhor”, já que não lhe serve outra coisa. Ia perguntar-lhe quanto tempo será visível a meus olhos.

– Sempre.

– Isso é puro desaforo! Eis a minha opinião sobre o seu procedimento. Você me amofinou, me azucrinou, me consumiu, dia a dia, a vida toda, invisível. Isso já era um bom inferno. Agora, ter você aos calcanhares, pelo resto dos meus dias, como a minha sombra, é uma perspectiva intolerável!

– Meu rapaz, nunca houve no mundo consciência mais satisfeita do que eu, quando você me tornou visível. Deu-me assim uma vantagem incalculável. Agora, posso encará-lo face a face, posso xingá-lo, rir-me e fazer troça de você na sua cara. A partir de hoje e para sempre, estarei a seu lado a todo momento, soprando-lhe seus remorsos ao pé do ouvido. Ah, que delícia!

Atirei-lhe um livro, mas, devido à distância e à agilidade do maldito anão, é claro que errei.

– Ora, ora! – sorriu ele. – Lembre-se da bandeira branca...

– Ah, tinha-me esquecido. Tentarei ser cortês, e você faça o mesmo, para variar. Uma consciência cortês, que ideia! Uma boa piada, uma pilhéria excelente! Todas as consciências de que tenho conhecimento são ranzinzas, impertinentes, pedantes, ferozes, execráveis. Sim, e sempre à cata da menor bagatela, o diabo as carregue! Eu trocaria a minha pela varíola ou por sete espécies de praga e ainda abençoaria a troca. Agora diga: por que a consciência não estende o homem na grelha quando ele merece castigo e depois não o deixa em paz? Por que entende que há de se pendurar dia e noite, noite e dia, semana após semana, para todo o sempre, no mesmo galho?

– Bem, é que nós gostamos. Baste-lhe isso.

– Fazem isso com o propósito de melhorar o homem?

– Não. Fazemos simplesmente porque é nossa obrigação. O nosso ofício. A finalidade é melhorar o homem, mas a consciência é, nisso, apenas o agente desinteressado. Somos indicadas por imposição e não temos voz no capítulo. Obedecemos a ordens e deixamos as consequências a quem compete. Mas estou pronto a admitir uma coisa: nós exageramos o rigor das ordens, quando se oferece ensejo, o que sucede na maior parte das vezes. É um gosto nosso. Somos incumbidas de lembrar de quando em quando ao homem os seus erros. Não tenho medo de dizer que nos valem disso em boa medida. E, quando tomamos conta de um indivíduo muito sensível, como judiamos! Conheço consciências que foram da Patagônia à China para encontrar uma pessoa dessa natureza. Ah, ah! Sei de um homem que atropelou involuntariamente um garotinho. Não cometa você outro pecado se as consciências não acudiram da Terra toda a gozar do espetáculo e ajudar o senhor desse infeliz no exorcismo! O homem passou quarenta e oito horas horríveis, sem comer nem dormir, e no fim fez saltar os miolos. O garotinho acabou se curando em três semanas.

Pelo jeito a Consciência não tinha limitações no que falava. Era curioso notar que minha consciência, ao contrário de mim mesmo, nunca mentia. Mas talvez fosse melhor se mentisse, pois suas verdades eram horrendas. Bem, tão horrendas como os fatos reais que se acumulavam em minha... vá lá: em minha consciência.

– Bem, bem, estou vendo que vocês são uma boa súcia, para não dizermos pior – comentei.
– Já agora percebo porque você foi sempre um tanto inconsequente comigo. Na ânsia de tirar todo o proveito de um pecado, a consciência faz o homem arrepender-se de várias maneiras. Por exemplo: você me acusou de mentir à mendiga, e isto me doeu. Mas ainda ontem eu disse a um velho pedinte a pura verdade, isto é, que, sendo crime contra a sociedade estimular a vadiagem, eu não lhe dava nada. O que fez você então? Ora, obrigou-me a dizer a mim mesmo que seria mais bondoso, menos cruel, mandá-lo embora com uma mentira inocente e com a impressão de que, se não havia comida, o tratamento afável era ao menos uma coisa que ele podia agradecer. Pois bem: passei mal o dia por causa disso.

– Ah, que delícia!

– Na antevéspera, eu dera de comer a um outro, espontaneamente, julgando praticar uma caridade. E você insinuou...

– Mau cidadão! Ajudando mandriões!

– Você me fez pensar isso, sim, e eu passei mal, como de costume. Dei trabalho a

um desempregado, você levantou objeções... naturalmente!

– Naturalmente...

– Depois recusei trabalho a outro: você meteu-se nisso também. Um dia pensei em matar um mendigo. Você me fez atravessar a noite toda acordado, suando remorsos por todos os poros. Certo de que estava agindo direito, de outra vez despedi o mendigo seguinte com a minha bênção. Dure você tanto quanto eu, se não me atormentou a noite inteira, fazendo com que me arrependesse de não ter-lhe dado algo mais sólido do que uma bênção.

– Que poderia ser um tiro na cara... ou uma nota de dez.

– Pode deixar, você me fez arrepender-me das duas alternativas. Há algum meio de contentar a invenção perversa que chamam de consciência?

– Ah, ah! Que beleza! Continue...

– Ande! Responda à pergunta! Há algum meio?

– Nenhum que eu possa lhe propor, meu filho – respondeu o anão, ficando sério. – Burro! Pouco me importa a ação que você vai praticar! O que faço é insinuar-lhe ao ouvido uma palavrinha, para convencê-lo de que você cometeu uma vileza. É a minha obrigação, e o meu prazer, fazê-lo arrepender-se de todos os seus atos. Se perdi alguma ocasião, não foi de propósito, garanto-lhe que não foi de propósito!

– Não se preocupe, não perdeu uma vírgula que eu saiba. Nunca fiz uma coisa na minha vida, coisa censurável ou não, sem me arrepender dentro de vinte e quatro horas. Domingo passado, tive de ir à igreja para agradar à esposa de um juiz. Lá, ouvi um sermão sobre a caridade. Meu primeiro impulso foi dar trezentos e cinquenta dólares. Arrependi-me e diminui cem. Arrependi-me disso e tirei mais cem. Outro assomo de arrependimento e risquei mais cem dólares. A consciência continuava a remoer-me. Reduzi os cinquenta dólares a vinte, a quinze, a dois dólares e meio. Afinal, quando a salva de esmolos fez a volta do templo, arrependi-me ainda uma vez e contribuí com dez centavos. Muito bem, fui para casa dizendo comigo: “Eu poderia ter dado pelo menos um dólar!”. Nunca me deixe assistir a um sermão de caridade sem ter alguma coisa com que me ocupar...

– Não deixarei, não deixarei. Fie-se em mim.

– Assim espero. Quantas e quantas noites passei em claro, com vontade de lhe torcer o pescoço! Se pudesse apanhá-lo agora...

– Sim, compreendo. Mas eu não sou burro. Sou a sela de um burro! Continue, continue, você me diverte. Mais do que eu gostaria de confessar.

– Estimo. Talvez não faça caso, se eu blasfemar um pouquinho para não perder o costume. Veja – que não seja para magoá-lo – mas, penso que você é a coisa mais baixa, mais desprezível que se possa imaginar! Felizmente os outros não o enxergam, do contrário eu me envergonharia de uma consciência de macaco mofado, como é a minha. Agora, se você tivesse cinco ou seis pés de altura...

– Espere. De quem é a culpa?

– Não sei.

– Sua. De ninguém mais.

– Que o diabo o carregue! Não fui consultado sobre a sua aparência pessoal!

– Entretanto você tem muito a ver com isso. Quando você contava dois ou três anos, eu tinha dois metros de altura e era lindo como uma imagem.

– Antes nascesse de novo! Logo, você cresceu às avessas, não?

– Nem todos crescem da mesma forma. Você teve outrora uma consciência grande. Se ela agora é pequena, creio que deve haver uma razão para isso. De qualquer maneira, somos culpados os dois – eu e você. Veja: você costumava ser consciencioso a respeito de muitas coisas, dum modo doentio, digamos. Isso foi há muitos anos, você provavelmente nem se lembra. E eu me interessava muito pelo meu trabalho, gostava de ver a aflição em que o punham certos pecadilhos favoritos com que eu o azucrinava continuamente, a ponto de abusar. Você já se revoltava. Naturalmente, comecei a perder terreno e fui encolhendo – diminuí de estatura, criei bolor, fui ficando todo torto... Quanto mais enfraquecia, mais você se agarrava àqueles vícios prediletos, a tal ponto que as secções do meu corpo correspondentes a eles tornaram-se calosas como casca de tartaruga.

– Fico feliz por saber que pelo menos algum mal eu causei a você...

– Considere o fumo, por exemplo: joguei demais com essa carta e perdi. Quando alguém lhe pede ainda hoje que você renuncie a esse vício, as calosidades do meu corpo cobrem-me todo, como uma camisa de malha. Isso tem um efeito misterioso, calmante... A sua fiel inimiga, a consciência, adormece profundamente. Profundamente não é o termo: ela não ouviria, nessas ocasiões, uma trovoada! Você tem mais uns vícios... uns oitenta ou noventa que me afetam na mesma medida.

– Muito lisonjeiro. Você dorme, sem dúvida, boa parte do tempo.

– Ultimamente, sim. E dormiria todo o tempo, se não me ajudassem.

– Quem o ajuda?

– Outras consciências. Por exemplo: uma pessoa, com cuja consciência eu esteja ligado, tenta convencê-lo a deixar de fumar. Eu mando o meu amigo cutucar o seu cliente pelos seus pecados, corto com isso a sua intervenção e encaminho-o em busca de consolo pessoal. O meu campo de ação limita-se por ora a mendigos, jovens estudantes e coisas análogas. Mas não se incomode, eu o atormentarei com eles enquanto durarem. Pode confiar.

– Creio que posso. Agora, se você tivesse a bondade de me dizer essas coisas trinta anos atrás, eu consagraria particular atenção ao pecado e desconfio que você não só dormiria permanentemente, em virtude de todos os vícios humanos, mas ficaria reduzido ao tamanho de uma pílula homeopática. Eis a espécie de consciência que me serviria. E, se você ficasse assim e me caísse nas mãos, pensa que eu o guardaria numa redoma como lembrança? Não senhor! Dava-o a um cão sarnento! É onde você deveria estar. Você e toda a sua tribo! Não nasceu para viver em sociedade, se quer saber minha opinião. Agora, outra pergunta: conhece muitas consciências nesta zona?

– Muitíssimas.

– O que não daria eu para ver algumas... Você poderia trazê-las à minha casa? E elas seriam visíveis?

– Não, decerto.

– Bem, eu deveria saber. Em todo caso, você poderia descrevê-las. Diga-me, por obséquio: como é a consciência do meu vizinho Thompson?

– Muito bem. Eu conheço a consciência desse homem há muitos anos. Conheço-a desde que tinha três metros e meio de altura e um aspecto irrepreensível. Agora está enferrujada, calosa, torta, indiferente a tudo. Quanto ao tamanho... atualmente dorme numa caixa de charutos.

– Por aqui há poucos indivíduos mais mesquinhos do que o Thompson. Conhece a consciência de Robinson?

– Conheço. Mais ou menos um metro e meio de altura. Seus dentes já foram perfeitos e agora ela tem umas poucas cáries, mas está ainda bem feita e alegre.

– Sim. Robinson é um bom rapaz. E a consciência de Smith?

– Eu a conheci em pequena. Dois palmos de altura e um tanto preguiçosa aos dois anos, como aliás todas somos nessa idade. Mede agora mais de onze metros, a maior estatura da América. O reumatismo atacou-lhe as pernas mas apesar disso ela se diverte. Nunca dorme. É o membro mais ativo, mais dinâmico do Clube das Consciências da Nova

Inglaterra, e sua presidenta. Você poderá encontrá-la noite e dia azoando o Smith, lidando afanosamente, de mangas arregaçadas, vibrando de contentamento! Traz a sua vítima bem policiada. Faz o pobre Smith imaginar que o mais inocente dos seus atos é um pecado odioso. Criadas essas condições, põe mãos à obra e maltrata-lhe a alma!

– Smith é o melhor cidadão deste país, o mais puro, e sempre torturado pela desconfiança de que não presta. Só mesmo uma consciência pode achar prazer em agoniar uma alma como aquela! E... você conhece a consciência da minha tia Mafalda?

– De vista. Não tenho intimidade com ela. Vive ao ar livre, não há porta com altura suficiente para ela entrar.

– Não me custa crer. Vejamos, conhece a consciência do promotor que subornou uma de minhas testemunhas e depois me obrigou a pagar as custas em que incorri para processá-lo?

– Conheço. Ela goza de larga fama. Foi exibida há um mês, com outras antiguidades, em benefício da consciência de um membro do governo que, coitada, se finava no exílio. Entrada e passagens muito caras. Eu viajei de graça, impingindo-me como consciência de político, e paguei só meia entrada, fazendo-me passar por consciência de eclesiástico. A consciência do tal promotor, o número sensacional do programa, foi um desastre! Ela estava lá, mas onde? A empresa organizadora da exposição fornecera um microscópio com um poder de ampliação de trinta mil diâmetros, que era, no entanto, insuficiente para torná-la visível, a ela, a principal atração do espetáculo. Naturalmente, o descontentamento foi geral e por fim...

Interrompendo a narrativa, ouvi passos miúdos no corredor. Em seguida, a porta da sala abriu-se e Tia Mafalda embarafustou-se pelo escritório. Vinha com aquele jeito simples de que eu tão bem me lembrava, sempre com a expressão bondosa e segura de quem carrega todas as certezas do mundo. Entrou e imediatamente dirigiu-se a mim:

– Querido sobrinho!

– Tia Mafalda! – cumprimentei-a, abraçando-a.

– Ah, meu sobrinho! Mas você está com um aspecto pavoroso! E aquela dorzinha nos rins, vai indo?

– Nem penso nela, querida titia. E a senhora, como tem passado do fígado?

– Depois, depois, conversamos. Primeiro vou abusar um pouco de você: no dia em

que nos despedimos, você prometeu que olharia pelas necessidades da família pobre ali da esquina, zelosamente, como se eu estivesse aqui... Pois bem. Descubro, por acaso, que esqueceu a promessa. É direito?

– Para dizer a verdade, titia, essa família nem me passou pela ideia. Oh, não faça com que o remorso me corroa a alma!

A recordação da promessa rompida pesava-me mesmo e, com o canto dos olhos, vi que o anão titubeava.

– E considere como se descuidou do meu protegido do asilo, querido e cruel infrator de promessas!

A vergonha devia estar me avermelhando o rosto e minha Consciência vacilava pesadamente, entontecida.

– Desde que você não foi vê-lo nenhuma vez, não o afligirá agora saber que o pobrezinho morreu meses atrás, sozinho e esquecido!

Em espasmos de agonia, minha Consciência ruiu como um saco vazio. Tremia de medo e esforçava-se por levantar-se. Antevendo a possibilidade de destruí-la, fui sendo tomado por uma enorme ansiedade. Meus dedos críspavam-se, a saliva escorria-me pela boca entreaberta e meus olhos...

– Meu sobrinho! O que é isso? Seus olhos estão com um brilho... um brilho demoníaco! – tia Mafalda recuava, assustada.

Eu arfava, incapaz de dominar meus nervos.

– Não olhe assim, você me assusta. Que há aqui? Que é que você está vendo? Por que não tira os olhos daquele canto? Por que esses dedos contraídos como garras?

Ela me agarrava pelos ombros e eu tentei afastá-la, fanaticamente absorvido pelo meu desejo assassino:

– Sossegue, mulher! Olhe para outra parte! Não se preocupe comigo! Não há nada, nada! Isso me sucede às vezes... E passa num instante. É de fumar demais!

A Consciência, que estivera todo esse tempo em estertores, levantou-se com os olhos esbugalhados, tentando andar.

– Ah, eu sabia! Eu sabia que você acabaria assim! Oh, pelo amor de Deus, cure-se desse mau hábito enquanto é tempo! Você não pode, você não deve ser surdo aos meus rogos por mais tempo!

A consciência arfava de fadiga, como um obeso depois de subir uma escada.

– Prometa que se libertará dessa odiosa escravidão do fumo! Prometa!

O anão cambaleava, estertorava, tomado por dores.

– Peço-lhe, rogo, suplico-lhe! Você está perdendo a razão! Vejo a loucura em seus olhos! O fogo do frenesi! Ouça-me! Ouça-me e salve-se! Olhe: rogo-lhe de joelhos!

Quando a idosa senhora ajoelhou-se diante de mim, o anão estatelou-se no chão, erguendo os olhos amortecidos num derradeiro olhar que pedia misericórdia.

– Oh! Prometa ou está perdido! Prometa e salve-se! Prometa e viva!

O anão soltou um suspiro prolongado, fechou os olhos e desfaleceu.

Nesse instante, desvencilhei-me de Tia Mafalda e, freneticamente, apertei a garganta da Consciência. Como um selvagem, bati-lhe, arranhei-o, urrando. Por fim, joguei-o na lareira acesa. Em triunfo, levantei-me e, às gargalhadas, voltei-me para a velha, que me fitava, petrificada de terror.

– Tia Mafalda! Sua velha horrorosa! Fora daqui com seus problemas, suas caridades, suas reformas, sua moral pestilenta! Aqui está, diante de si, um homem cujos conflitos de toda a existência acabaram de vez, cuja alma está em paz, cujo coração morreu para o pesar, para o sofrimento, para o remorso! Um homem sem consciência! Na minha felicidade eu a quero poupar, embora pudesse torcer-lhe o pescoço sem o menor escrúpulo! Suma-se!

Tia Mafalda fugiu apavorada, é claro. Desde esse dia, minha vida é toda ventura, bem-aventurança sem mácula! Nada neste mundo poderia persuadir-me a recobrar uma consciência. Recomecei a vida. Nestas duas semanas, matei trinta e oito pessoas, todas por velhos rancores. Incendiei uma casa que me interceptava a vista do parque. Despejei uma viúva e alguns órfãos de um cortiço de minha propriedade. Tomei de uma família de camponeses a última vaca, a única que fornecia leite para as crianças da região. Pratiquei dezenas de delitos de várias espécies e estou muito contente com esses atos que outrora me confrangeriam o coração e me encaneceriam os cabelos.

Para terminar, torno público, para conhecimento das Faculdades de Medicina que necessitem de cadáveres de mendigos de natureza variada, para fins científicos, em grosso, por medida ou tonelada, que, antes de procurarem em outra parte, será conveniente examinar o sortimento armazenado na minha adega, escolhido e preparado por mim e oferecido a preços módicos, para abrir lugar na expectativa das novas aquisições da primavera.



Boa noite.